

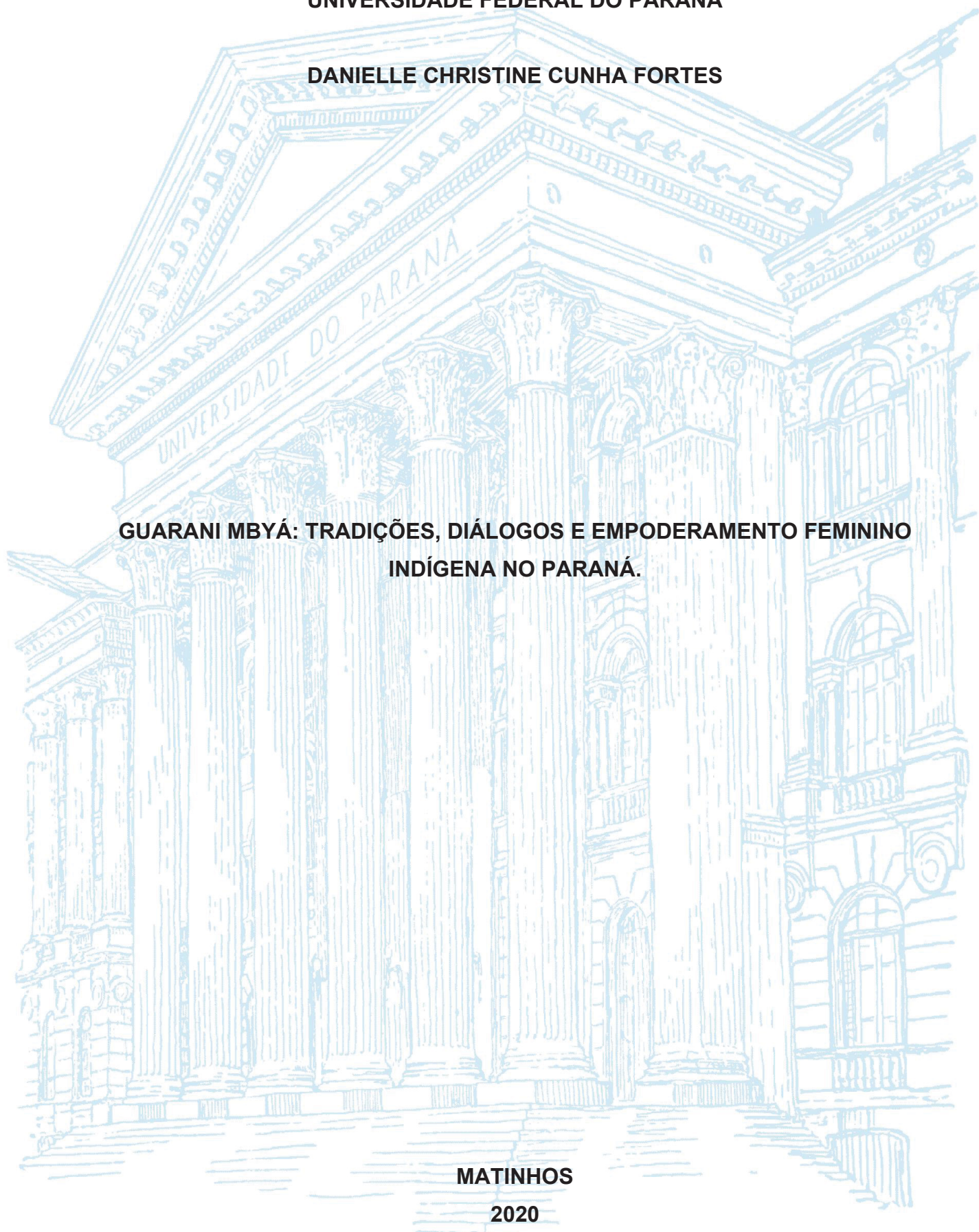
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANIELLE CHRISTINE CUNHA FORTES

**GUARANI MBYÁ: TRADIÇÕES, DIÁLOGOS E EMPODERAMENTO FEMININO
INDÍGENA NO PARANÁ.**

MATINHOS

2020



DANIELLE CHRISTINE CUNHA FORTES

**GUARANI MBYÁ:
TRADIÇÕES, DIÁLOGOS E EMPODERAMENTO FEMININO INDÍGENA NO
PARANÁ.**

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Valentim da Silva

MATINHOS

2020

TERMO DE APROVAÇÃO

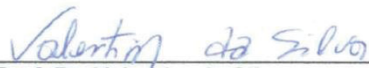
DANIELLE CHRISTINE CUNHA FORTES

**GUARANI MBYÁ: TRADIÇÕES, DIÁLOGOS E EMPODERAMENTO FEMININO
INDÍGENA NO PARANÁ**

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.



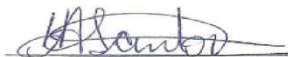
Danielle Christine Cunha Fortes
Estudante da Especialização ANE – UFPR



Prof. Dr. Valentim da Silva
Orientador – UFPR



Prof. Msc. Almir Carlos Andrade
Membro da Banca - UFPR



Prof. Msc. Hélia Alice dos Santos
Membro da Banca - UFPR

Matinhos-PR, 05 de dezembro de 2019.

Dedico este memorial à todas as mulheres indígenas que trazem os seus aprendizados ancestrais de suas avós e mães com o conhecimento e a sabedoria para as novas gerações.

Com muita generosidade no coração transmitem para nós mulheres não indígenas um grande aprendizado intercultural, intergeracional, interterritorial e interexperencial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus colegas da ANE por terem compartilhado suas experiências e projetos de forma generosa, aos interplanetários Prof^o. Valdo José Cavallet e Prof^a. Lenir Maristela Silva, pela condução desta especialização, aos professores Valentim da Silva e Prof^a. Hélia A. dos Santos, pela orientação e a todas as mulheres indígenas e não indígenas do Movimento Xondaria Kuery Jera Rete.

*Ó mulher, vem cá
que fizeram do teu falar?
Ó mulher conta aí...
Conta aí da tua trouxa
Fala das barras sujas
dos teus calos na mão
O que te faz viver, mulher?
Bota aí teu armamento.
Diz aí o que te faz calar...
Ah! Mulher enganada
Quem diria que tu sabias falar!*

Eliane Potiguara

Escritora da etnia Potiguara

RESUMO

O memorial tece de forma implícita a experiência de pertencer ao coletivo da “Especialização Alternativa para uma Nova Educação - ANE 2018” e a conexão das muitas vivências que despertaram em mim uma vontade de fazer o possível e o necessário para fortalecer um movimento feminista indígena, que já estava sendo gerado pelas mulheres indígenas do litoral do Paraná.

Através do Projeto Mbo'ý conseguimos organizar o Movimento Xondaria Kuery Jera Rete, no mesmo momento em que estávamos integrando ao MEL- Mulheres Empreendedoras e Líderes da UFPR.

Com estes movimentos em ebulição, os laços foram feitos com muito respeito, carinho e cuidado umas com as outras. Desta maneira resgatamos valores culturais, éticos, crescimento pessoal e profissional.

Palavras-chave: Guarani Mbyá; Movimento Feminista Indígena. Mbo'ý; Mel Mulheres Empreendedoras e Lideres.

RESUMEN

El monumento teje implícitamente la experiencia de pertenecer al colectivo Alternativas de especialización para una nueva educación ANE 2018, y la conexión de las muchas experiencias que despertaron en mí el deseo de hacer lo posible y necesario para fortalecer un movimiento feminista indígena que ya estaba siendo generado por mujeres indígenas de la costa de Paraná, y que a través del Proyecto Mbo'ý logramos organizar el Movimiento Xondaria Kuery Jera Rete. Al mismo tiempo, me uní a MEL- Mujeres Emprendedoras y Líderes en UFPR. Con estos movimientos hirvientes, los lazos se hicieron con gran respeto, afecto y cuidado mutuo. Rescatando así los valores culturales, los valores éticos, el crecimiento personal y profesional.

Palabras clave: Guarany Mbyá; Movimiento Feminista Indígena; Mbo'ý; Mel Mujeres Emprendedoras y Líderes.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 - Primeiro Encontro do Movimento Xondaria Kuery Jera Rete - 27/07/2019 - Terra indígena Mangueirinha - Aldeia Palmeirinha, Município de Chopinzinho – PR. 08
- FIGURA 2 - Ação Ane/Movimento Xondaria Kuery Jera Rete - Vice-Cacica Jéssica Fernandes e Eliane de Castro. I Encontro Feminista Indígena em Chopinzinho-PR..... 09
- FIGURA 3 - Exibição do Documentário “No Yvy Ma Ndopa Mo’dãï - Essa Terra não vai Terminar” na II Semana Acadêmica de Agroecologia - UFPR Litoral..... 11
- FIGURA 4 - Exibição do Documentário “No Yvy Ma Ndopa Mo’dãï - Essa Terra não vai Terminar”, na Escola Estadual Pindoty na Ilha da Cotinga. 12
- FIGURA 5 - Exibição do Documentário “No Yvy Ma Ndopa Mo’dãï - Essa Terra não vai Terminar”, no auditório do Centro de Estudos do Mar-Cem-UFPR... 13

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
2. PROJETO MBO' Y	03
2.1 OBJETIVO	04
2.2.OBJTIVO ESPECIFICO	04
3. MOVIMENTO XONDARIA KUERY JERA RETE	06
4. RELATO	11
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
6. REFERÊNCIAS	16

1 INTRODUÇÃO

Primeiramente é necessário colocar-se nessa narrativa, pois afinal quem sou eu, meu caminhar para chegar até aqui. O projeto Mbo'ý e o Movimento Xondaria Kuery Jera Rete são constituídos em um processo vivencial, caminho junto às sete comunidades tradicionais indígenas das etnias Mbyá Guarani e Kaigangue do litoral do Paraná há mais de 08 anos, trabalhando em projetos interdisciplinares, ações na área cultural e sendo acolhida por seres humanos espetaculares.

Buscou-se o fortalecimento de uma rede que acolhesse todas as diferenças culturais indígenas Mbyá Guarani e Kaigangue com a demanda na questão social relacionada ao abuso em vários âmbitos, como a violência sexual, agressões físicas e moral e a não gestão do seu próprio dinheiro, adquirido através da venda dos seus artesanatos. Desta forma se consolida as ações de empoderamento feminino indígena com ferramentas para o enfrentamento na caminhada e cria-se o projeto Mbo'ý e o Movimento Xondaria Kuery Jera Rete.

Minha formação acadêmica ajudou a dar o *Sul*¹ que necessito para seguir adiante: Tecnologia em Produção Cênica pela Universidade Federal do Paraná; Pós-Graduação em questão social na perspectiva interdisciplinar na Universidade Federal do Paraná - UFPR; Curso de Formação de Instrutores de Capacitação da Rede de Desenvolvimento de Pessoas da Administração Pública na ENAP; Mulheres Empreendedoras e Líderes – MEL na UFPR; Especialização Alternativa para uma Nova Educação – ANE na UFPR Litoral.

Na minha formação acadêmica, caminhando pelos caminhos dos não indígenas, sempre busquei desenvolver competências didáticas e pedagógicas para a ampliação de metodologias, estratégias e recursos de ensino e aprendizagem, o que me estimulou criar o Projeto Mbo'ý para orientar mulheres indígenas com as suas demandas administrativas e operacionais.

Com esse sentido, apontamos como Sul¹, em concordância com Freire (1979, p. 81) uma educação problematizadora, que fundamentada sobre a criatividade estimula uma ação e uma reflexão verdadeira sobre a realidade,

¹ Paulo Freire (1991) em diálogo com o físico *Marcio D'Olive Campos*, entendendo o forte componente político implícito na palavra e a necessária assunção de que o sul (hemisfério) tem como oferecer o rumo, o caminho, em contraposição a herança do norte colonizador e monopolizador da produção de todo conhecimento entendido como válido.

respondendo à premissa dos sujeitos, que como seres autênticos se comprometem na procura e na transformação criadora, tomando como ponto de partida a historicidade individual e coletiva.

2. PROJETO MBO'Y

*Saúdo as minhas irmãs
De suor, papel e tinta
fiandeiras
guardiãs
tecendo o embalo da rede
rubra ou lilás
no mar da palavra
escrita voraz*

*Saúdo minhas irmãs
fiandeiras
tecelãs
cantando a uma só voz
o que nós sonhamos
o que nós plantamos
no tempo em que a
nossas voz
era só silêncio.*

Graça Graúna

Escritora da etnia Potiguara

O projeto Mbo'ý surgiu das mulheres indígenas da Aldeia Kuaray Haxá no município de Antonina, divisa com Guaraqueçaba no Litoral do Paraná para atender uma demanda na questão social.

Algumas lideranças femininas indígenas me procuraram para ajudá-las na organização de em um movimento feminista indígena, e assim terem um lugar de fala sobre saúde feminina, violência contra as mulheres indígenas e criar ferramentas tecnológicas para gerar renda por meio dos artesanatos.

Realizar suas atividades em um espaço de sociabilidade, crenças, cantos e danças em segurança, além de capacitar lideranças indígenas femininas através de ferramentas contemporâneas como vídeos, músicas e fotografias e venderem seus

artesanatos para quem está fora da comunidade. Desta forma, não se expondo aos riscos das ruas no espaço urbano se sintam valorizadas.

O Projeto Mbo'ý se caracteriza por ter conhecimento da forma correta das novas tecnologias, como ferramentas de auto representação, abrir novas possibilidades de expressão e promoção da autoestima das mulheres indígenas.

Para potencializar uma transformação emancipatória comunitária e social por meio de rede de trocas de conhecimentos, pensar e discutir o associativismo junto as mulheres das comunidades tradicionais indígenas do Litoral do Paraná é de grande importância o fortalecimento do artesanato e assim gerar mais renda para elas mesmas e suas famílias, ao mesmo tempo, valorizando o pertencimento cultural.

O projeto será desenvolvido também em outras aldeias/espacos no formato de rede, desta forma criar redes entre as mulheres indígenas de varias etnias dispostas a participar das reuniões e ações a serem realizadas. Valorizar a diversidade cultural étnica de cada aldeia e suas culturas e crenças, estabelecendo um diálogo da cultura com a educação na elaboração de estratégias de registro e difusão intercultural entre saberes.

2.1 OBJETIVO

Organizar uma Rede de mulheres indígenas para fortalecer a cultura, reconhecer as questões que as desafiam no cotidiano cultural, conhecer as diferentes concepções, contribuir para a ampliação do respeito intercultural e preservar os saberes tradicionais com as especificidades do modo de ser mulher indígena Guarani Mbyá.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Valorizar a diversidade cultural étnica feminina;
- Estabelecer um diálogo da cultura indígena com a educação na elaboração de estratégias de abordagem dos temas, saúde feminina, violência sexual, violência física e moral;

- Fomentar encontros e reuniões com profissionais das áreas específicas onde surgirem as demandas;
- Promover o protagonismo da mulher indígena nas suas ações;
- Refletir e dialogar sobre os temas propostos através do registro e exposição de falas, cantos, gestos e imagens a fim de ultrapassar limites conceituais narrativos e emergir em uma dimensão subjetiva e poética da realidade e vivência da Mulher Indígena;
- Registrar imagens e relatos das especificidades do modo de ser Mulher Mbyá- Guaraní, quanto ao lugar ocupado por elas.
- Reconhecer as diferentes concepções do “modo de ser” Mulher indígena;
- Contribuir para a ampliação do respeito intercultural.

3. MOVIMENTO XONDARIA KUERY JERA RETE

Educação Indígena

*Ainda pequeno na aldeia
Na vivência com os irmãos,
Plantar Macaxeira, tirar lenha,
Comer peixe com pirão,
É ensino, é educação.*

*Ir pra beira tomar banho,
Pegar cará e mandi,
Ver o sol se esconder
E esperar a lua se vestir,*

*Se vem cheia á alegria
Coisa boa vem por aí,
E com sua luz toda aldeia,
Vai cantar, dançar, se divertir.*

*Aprender a colher o tento da mata,
Fazer cocar de miriti,
Ajuntar as penas que vem das aves,
Seguimos as orientações de Waimi.*

*É da floresta que vem a palha
A Uka vai cobrir,
Tecer nelas nossas memórias,
Na folha de urucará.*

*Na aldeia é assim a educação,
Que desde séculos aprendi,
Conviver com a natureza,
Sem agredir, nem exaurir.*

*Se hoje no século XXI,
Tens a mata e a diversidade,
Nesse verde eu cresci,
E conheci sua bondade,
Partilhar água e sombra,
Sem ver nisso tanta maldade.*

Mas logo veio o “outro”,

*E mostrou-me sua maldade,
A importância da escrita.
E vi nela uma necessidade,
Fui estudar na escola do branco,
Para entender sua realidade.*

*Compreendi que a cultura é um rio
Corre manso para os braços do mar,
Assim não existem fronteiras
Para aprender, lutar e caminhar.*

*Hoje estamos nas Universidades
Levamos junto nosso lugar.
A construção do conhecimento
É uma teia,
Que liga a tua cidade
Com a minha aldeia.*

*Sendo que minha identidade se
constrói
Nas peculiaridades que em mim
permeia,
Minha casa na cidade é também a minha aldeia.
Não perdemos nossa essência,
Somos o fino grão de areia!*

Márcia Wayna Kambeba

Escritora da etnia Omágua Kambeba

O movimento foi pensado pelas indígenas Mbya Guarani, Vice Cacica da Aldeia Kuaray Haxá, de Antonina – Paraná, Jéssica Fernandes e sua irmã e Presidenta da Associação Indígena Mbya Kuaray Haxa, Eliane de Castro.

Elas vêm de uma linhagem de lideranças indígenas que sempre estiveram na luta pelos direitos indígenas. O Nome do Movimento foi em homenagem a tia destas duas indígenas, a Jera Rete, que foi a primeira Cacica Mulher do Paraná na Aldeira Araçaí em Piraquara-Paraná.

Jera Rete lutou pela demarcação de terra da aldeia Araçaí e também para conquista a igualdade de gênero dentro do espaço de lideranças indígenas, onde somente ela tinha a voz e representatividade feminina.

Daí vem a força destas duas lideranças indígenas, suas sobrinhas Jéssica e Eliane fundadoras do Movimento Xondaria Kuery Jera Rete.

Elas não querem conflitos com os homens e sim andar lado a lado e ajudar outras mulheres a terem seus espaços, fortalecendo-as quanto ao direito de ter voz e decidirem o que querem.

Fui convidada pela Vice Cacica Jéssica a participar como apoiadora na funções administrativas e operacionais do Movimento Xondaria Kuery Jera Rete para organizar o primeiro “Encontro do Movimento na Terra Indígena Mangueirinha”, em Palmeirinha – PR, entre os dia 27 e 28 de Julho de 2019.

FIGURA 1. | Encontro do Movimento Xondaria Kuery Jera Rete (2019), na Aldeia Palmeirinha, Terra indígena Mangueirinha no município de Chopinzinho-PR.



FONTE: Bruna Kamaroski, 2019.

O referido encontro no Município de Chopinzinho, fez parte de uma das minhas ações junto a ANE, buscando o fortalecimento da rede nos diversos pilares da ANE Interculturalidade, Interterritorialidade, Interinstitucionalidade, Interdisciplinaridade, Intergeracionalidade e Interexperiencialidade. E também foi um evento de extensão da Universidade Federal do Paraná através do Projeto MEL- Rede de Mulheres Empreendedoras e Líderes que reuniu 52 indígenas e 08 não indígenas.

Este primeiro encontro (Figura 2), do Movimento Xondaria Kuery Jera Rete foi uma vivência maravilhosa, tanto para as indígenas locais, que aderiram a ideia do

Movimento, quanto para as não indígenas que participaram do evento. Nós, todas mulheres, mostramos quanto fortes e guerreiras somos e podemos ser; como podemos mudar as coisas ao nosso redor, e como é importante ter um espaço para falar e pensar no dia a dia as demandas que nos causam angústias. Estes dois dias de encontro, ficou claro para todas nós a importância da regulamentação do Movimento Xondaria Kuery Jera Rete para ações futuras. Sejam elas culturais, sociais, políticas ou religiosas.

FIGURA 2. Movimento Xondaria Kuery Jera Rete - I Encontro Feminista Indígena em Chopinzinho-PR
- Vice Cacica Jéssica Fernandes e Eliane de Castro.



Fonte: Bruna Kamaroski, 2019.

Nesse sentido pudemos compreender o que afirma Morin (2012) ao dizer que :

O conhecimento do presente é necessário para o conhecimento do futuro, o qual é necessário para o conhecimento do presente. Deste fato ocorre que o conhecimento do passado e do presente tem lacunas, como o conhecimento do futuro, e que tais conhecimentos são interdependentes: o

conhecimento do passado está subordinado ao presente, cujo o conhecimento está subordinado ao futuro. (p.14).

Na tradição dos povos originários, a figura da mulher é crucial e significativa, porque ela está intimamente relacionada com o sagrado, com a sabedoria, com a ancestralidade e com a fertilidade: “A palavra da mulher é sagrada como a terra” (POTIGUARA, 2004).

4. RELATO

As experiências vividas na ANE por mim, foram fundamentais e precisas, principalmente pela combinação do diferente e da diversidade de lugares e pessoas. Com isso, entender alternativas de transformar em realidade dinâmica o que já existia em meu coração. Foi um caminhar permeado de sentidos e significações. Onde solidariedade, democracia, dignidade, autonomia, cooperação e responsabilidade foram presentes para uma educação transformadora e comunitária.

Desde o começo da especialização procurei desenvolver um projeto com mulheres indígenas do litoral do Paraná, buscando caminhos para transformar em realidade as demandas que já tinham chegado a mim, através de vivências anteriores em aldeias do Litoral do Paraná.

Minha primeira ação na ANE foi ministrar um módulo "Questão Social na Contemporaneidade" do Curso de Especialização "A Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar" da Universidade Federal do Paraná Setor Litoral em maio de 2019, em uma turma singular. Tive uma surpresa muito boa com a escuta de cada história de vida daquelas pessoas e em poder colocar a par essas pessoas a situação atual da questão indígena nas aldeias do Litoral do Paraná.

Figura 3. Exibição do documentário No Yvy Ma Ndopa Mo'dái- essa terra não vai terminar na II Semana Acadêmica de Agroecologia UFPR Litoral.

REEXISTÊNCIA NA CURA DA TERRA
 II SEMANA ACADÊMICA DE AGROECOLOGIA
 QUINTA-FEIRA, 24, às 19:30h

ATIVIDADE
 Documentário: Ko Yvy Ma Ndopa
 Mo'ái - Essa terra não vai
 terminar
 Mediadores: Danielle Cunha
 Fortes, Jéssica Quadros e Vino
 Carvalho

ONDE
 Auditório UFPR Litoral

UFPR Litoral
 CA
 AgriFlor&Ser

Fonte: Material de divulgação do evento, 2019.

Outras duas ações que experienciei na ANE e foram de extrema importância neste espaço - tempo no mundo. Foram as exposições do Documentário Ko Yvy Ma Ndopa Mo'ãi – Essa terra não vai terminar. A primeira exposição foi na II Semana Acadêmica de Agroecologia UFPR – “Reexistência na Cura da Terra”. Estavam presentes 65 alunos de cursos de graduação da UFPR Litoral e que participaram da roda de conversa após a exposição.(Figura 3).

A segunda exposição foi realizada na Aldeia Pindoty na Ilha da Cotinga para indígenas e não indígenas, alunos e convidados da ANE em setembro de 2019 (Figura 4).

FIGURA 4. Exposição do documentário No Yvy Ma Ndopa Mo'dãi-essa terra não vai terminar. Na escola estadual Pindoty na Ilha Da Cotinga.



Fonte: Carolina Castanho, 2019.

Particpei de ações de colegas de marcaram meu caminho para sempre, como a Mel-Rede de Mulheres Empreendedoras e Líderes – UFPR, e integrando a programação da vivência proporcionada pelas professoras Taciane e Francielle da Escola Indígena Pindoty. Momentos estes que foram de grande conhecimento, união e bem querer.

Ainda houve a exposição do documentário No Yvy Ma Ndopa Mo'dãi – essa terra não vai terminar -, no auditório da Universidade Federal do Paraná – Campus

Centro de Estudos do Mar – Cem. Participaram 37 alunos e 5 professores da roda de conversa pós exibição. (Figura 5).

FIGURA 5. Exibição do documentário No Yvy Ma Ndopa Mo'dãi - essa terra não vai terminar, no auditório do Centro de Estudos do Mar-Cem-UFPR.

Ministério da Cidadania e Cattalini *apresentam*

KO YVY MA NDOPA MO'ÃI

essa terra não vai terminar

5 de Setembro às 16h
Anfiteatro do CEM

Após, conversa com a diretora de produção

A comunidade indígena Pindoty, localizada na Ilha da Cotinga - Paranaguá/PR, reflete sobre como passar adiante os conhecimentos ancestrais de sua cultura.

Diante das dificuldades provindas da forte influência do mundo não índio, a nova geração de crianças da aldeia traz força aos mais velhos, os quais através do filme, dão o testemunho vivo de uma cultura que resiste.



Fonte: Material de divulgação do Centro Acadêmico (2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amazonidas

*Somos filhas da ribanceira,
Netas de velhas benzedadeiras,
Deusas da mata molhada,
Temos no urucum a pele encarnada.*

*Lavando roupa no rio, lavadeiras,
No corpo o gingado de
carimbozeiras,
Temos a força da onça pintada,
Lutamos pela aldeia amada,*

*Mas, viver na cidade não tira o direito de ser,
Nação, ancestralidade, sabedoria, cultura,
Somos filhas de Nhanderú, Senerú, Nhandecy,
O Brasil começou bem aqui...*

*Não nos sentimos aculturadas,
Temos a memória acesa,
E vivemos na certeza de que nossa aldeia,
Resistirá sempre ao preconceito do invasor,
Somos a voz que ecoa,
Resistência? Sim senhor!*

Márcia Wayna Kambeba

Escritora da etnia Omágua Kambeba

Posso concluir que diariamente educamos e nos educamos e ter consciência na forma de agir nas relações sociais, familiares e em redes alternativas, nos dá o suporte e otimismo para seguir em frente nos caminhos dos saberes.

Aprendemos, desaprendemos e reaprendemos. Eu aprendi que a arte e a cultura como semente, que carrega universos de saberes, expande e nutre em cada lugar que passa. Desaprendi a ter pré-conceitos social e cultural e dar valor a resistência cultural indígena. E por consequência, reaprendi que resistência também é partilhar conhecimentos, fazer conexões e fortalecer as nossas raízes humana para cultivar e valorizar os saberes ancestrais dos indígenas. Tudo o que nos afeta propicia um saber, somos inacabados e contínuos seres HUMANOS.

6. REFERÊNCIAS

FREIRE, PAULO. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

MORIN, Edgar. **Para onde vai o mundo?** Tradução de Francisco Morás. 3ª Ed. – Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

OLIVIERI-GODET, Rita. Graça graúna: A poesia como estratégia de sobrevivência. **Pontos de Interrogação—Revista de Crítica Cultural**, v. 8, n. 1, p. 33-49, 2018.

POTIGUARA, Eliane. A cura da terra. São Paulo: Editora do Brasil, 2015. Histórico. Disponível em: <http://www.elianepotiguara.org.br/>. Acesso em: 20 de jan. 2020.